



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Anarquismos e Filosofias da Natureza: o entrelaçamento da filosofia moral com a filosofia política para um novo modo de vida

Por: Alysson Eduardo de Carvalho Aquino¹

alysson.aquino@gmail.com

&

Nabylla Fiori de Lima²

nabylla@alunos.utfpr.edu.br

Resumo

Diversas concepções de natureza e de humanidade emergiram nos círculos de discussão libertária. A crítica anarquista – desde o seu surgimento, no século XIX – rejeitou a ciência hegemônica no capitalismo, bem como a moral e os costumes vigentes. Ao recusarem os dogmas religiosos, os valores propagados pela crescente força dos Estados-nação, bem como o sistema econômico capitalista, fundaram novos conhecimentos aliados aos pressupostos libertários, e uma nova cultura da natureza de raízes proletária emergiu. Apontaram a necessidade de recuperar os vínculos perdidos de amor à natureza, na intenção de encontrar um equilíbrio com o progresso científico. A contribuição anarquista a esse objetivo assenta-se, sobretudo, na compreensão de que a dominação da natureza possui

¹ É doutorando em Tecnologia pela Universidade Tecnológica Federal do Paraná – UTFPR, é Mestre em Educação pela Universidade Federal do Paraná – UFPR e Graduado em Psicologia pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho – UNESP. É servidor público federal, Docente do Ensino Superior, lotado na Universidade Tecnológica Federal do Paraná – UTFPR. É Coordenador do Projeto de Pesquisa sobre Concepções de Ciência e tecnologia no anarquismo brasileiro contemporâneo. É membro do Corpo Editorial do periódico “Espiritualidade libertária”. É co-autor do livro “Movimentos sociais: um apanhado geral de sua influência e sua importância para o serviço social” (2016) e do livro “Estágios da Psicologia Escolar: proposições teórico-práticas” (2016).

² É doutoranda em Tecnologia e Sociedade pela Universidade Tecnológica Federal do Paraná – UTFPR, é Mestra em Tecnologia pela Universidade Tecnológica Federal do Paraná – UTFPR, é Graduada em Letras pela Universidade Federal Tecnológica do Paraná – UTFPR e Graduada em Música pela Escola de Música e Belas Artes do Paraná – EMBAP. É integrante do Projeto de Pesquisa sobre Representações de Ciência e Tecnologia no pensamento Anarquista: narrativas de resistência (1900-35). É autora de capítulos de livro na obra POLETTI, Juarez (Org.) Literatura e experiência humana: tecnologia e trabalho” (2016).



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

estreitas relações com a dominação entre os humanos. Para construir uma sociedade livre para todos, seria necessário estabelecer uma outra relação da humanidade com o meio natural. Inseridos nas discussões científicas do período, refutaram as concepções científicas hegemônicas em voga no século XIX e início do XX, presentes em pensadores como Darwin, Huxley e Spencer - e as leituras a eles correspondentes - que visavam ao fortalecimento de um ideal de sociedade - burguesa, capitalista - que se erigia. Para os anarquistas, a ética teria sido formada primeiramente na natureza, expandindo-se posteriormente nas relações sociais. Interpretando a natureza a partir de termos provenientes das ideias culturais, sociais e históricas ao invés de interpretações restritas à descrição científica com conceitos da biologia, os libertários construía suas próprias filosofias da natureza. Neste trabalho, apresentaremos esta nova cultura da natureza defendida pelos anarquistas a partir de seus pressupostos libertários.

Palavras-chave: Anarquismo; Ciência; Política.

Resumo

Diversaj konceptoj pri naturo kaj de homaro aperis en la rondoj de liberecana diskuto. La anarkiista kritiko - de ĝia komenco en la deknaŭa jarcento - malakceptis la hegemonia scienco en la kapitalismo kaj de la morala kaj la lokaj kutimoj. Per rifuzi religiajn dogmojn, la valoroj propagita de la kreskanta potenco de la ŝtatoj kaj de la kapitalisma ekonomia sistemo fondita nova scio kombinita kun la liberecana supozoj, kaj nova kulturo de proleta radikoj naturo aperis. Ili notis la bezonon restaŭri la perditajn ligojn de amo al la naturo, kun la celo trovi ekvilibron kun scienca progreso. La anarkiisto kontribuo al ĉi tiu celo estas bazita, ĉefe, sur la kompreno, ke la superregado de la naturo havas proksimajn rilatojn kun la dominación inter homoj. Por krei liberan socion por ĉiuj, oni devus establi alian rilaton de homaro kun la natura medio. Enigita en sciencaj diskutoj de la periodo, ili refutis la hegemonia sciencaj konceptoj modajn en la deknaŭa kaj frua dudeka jarcentoj, ĉeestanta en pensuloj kiel Darwin, Huxley kaj Spencer - kaj legas ilin respondaj - celanta plifortigon de ideala socio - burĝa , kapitalisto - kiu estis starigita. Por la anarkiistoj, la etiko estus formita unue en naturo, plilongigante poste en sociaj rilatoj. Interpretante naturo de esprimoj de la kultura ideojn, sociaj kaj historiaj legoj kaj ne limigita al la scienca priskribo kun konceptoj de biologio, libertarianoj konstruitaj propraj filozofioj de la naturo. En ĉi tiu verko, ni prezentos

IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

ĉi tiun novan kulturon de naturo protektita de la anarkiistoj de siaj liberecaj prezentoj.

Ŝlosilvortoj: *Anarkiismo; Scienco; Politiko.*

Introdução

A crítica anarquista à ciência hegemônica no capitalismo proporcionou o surgimento de diversas concepções de natureza e de humanidade dentro dos círculos de discussão libertária. Essa característica é uma característica que ainda permanece viva entre os anarquistas até os dias de hoje. Desde o seu surgimento, no século XIX, o movimento anarquista questiona a moral e os costumes vigentes a fim de resistir aos dogmas religiosos e aos valores propagados pela crescente força dos Estados-nação e os complexos econômicos que os sustentem ou a eles se vinculem. Essas críticas foram feitas vinculadas a edificação de novos conhecimentos que correspondiam aos ideais da sociedade libertária que estava por ser construída, conforme vislumbravam seus militantes. Diante disso, os anarquistas apontaram para a necessidade de se recuperar os vínculos perdidos de amor à natureza, na intenção de encontrar um equilíbrio com o progresso científico. Segundo os adeptos do pensamento libertário, a sociedade capitalista com seus processos de industrialização representava a exploração mais feroz da natureza, posto que transformava a relação com o meio natural como uma relação reduzida ao cálculo monetário e que pouco se preocupava com o fim dos recursos naturais do disponíveis no planeta.

Considerando a leitura que os anarquistas fizeram a respeito das relações com o meio natural, talvez sua maior contribuição a esse objetivo assenta-se, sobretudo, na compreensão de que a dominação da natureza possui estreitas relações com a dominação entre os humanos. Pensar uma sociedade livre para



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

todos, exige, segundo essa tradição, também modificar a relação da humanidade com o próprio meio natural. Ao voltarem suas atenções às relações naturais, os anarquistas enxergam na natureza, por vezes considerada um *contramundo utópico*, exemplos de moralidade a serem buscados. Assim, inverteram, historicamente, as compreensões científicas em voga no século XIX e início do XX, que tomavam a natureza por um conjunto de processos amorais, tais como presentes em Darwin, Huxley e Spencer. Concebiam a ética como primeiramente formada na natureza, expandindo-se posteriormente nas relações sociais. Ao interpretar a natureza a partir de termos provenientes das ideias culturais, sociais e históricas em vez de interpretações restritas à descrição científica com conceitos da biologia, os libertários construía suas próprias filosofias da natureza. Em busca dos vínculos perdidos de amor à natureza, visitaremos as práticas e as imagens elaboradas em torno da natureza defendidas pelos anarquistas com vistas a um futuro de liberdade

Anarquismo e Filosofia da Natureza - um campo de estudos ainda a ser explorado

Após ser relegado ao posto de objeto de pouca importância teórica para as Ciências Sociais, o anarquismo passou a ser alvo (desde ao menos os anos de 1980) de interesse acadêmico por parte de muitos pesquisadores de diversos países. Tal fato está vinculado ao ressurgimento ampliado no cenário político e social de práticas que se autorreivindicam anarquistas e que ganham expressividade, conforme assinalam Nildo Avelino e Loreley Garcia (2012), a partir das manifestações de Seattle, em 1999.

A positiva potencialidade política vista no fenômeno do retorno massivo dos libertários - como também são denominados os adeptos dessa doutrina - à cena pública não se limitou à sua participação em manifestações de rua e na



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

articulação de suas organizações. O desenvolvimento teórico do anarquismo contemporâneo também passou a chamar a atenção por sua capacidade criativa e crítica. (*Idem*)

Diante desse cenário, aumentam as pesquisas que tentam compreender as características do multifacetado pensamento anarquista. Para isso, revisitam-se os antigos textos e publicações de adeptos dessa tradição política de mais de 150 anos. Os raros arquivos organizados com aquilo que sobrou das perseguições as quais os anarquistas foram alvo são revisitados e restaurados a fim de trazer à memória a história de um movimento marginalizado e excluído do pensamento hegemônico - de direita e de esquerda - nas universidades.

Essa “visita ao passado” acaba por promover descobertas surpreendentes a respeito de quem foram e como pensavam os anarquistas sobre os mais diversos temas nos quais estiveram envolvidos em discussões públicas. Aos poucos, as representações reducionistas que estabeleciam o anarquismo como pré-científico, pré-teórico, empirista e utópico são questionadas. Abrem-se novas perspectivas que passam a considerar a relevância política e organizativa que tiveram os militantes libertários na consolidação, por exemplo, do sindicalismo combativo e de outras organizações da classe operária em muitos países. Além disso, descobre-se ainda, a riqueza do conteúdo ético-político que permeou as práticas culturais e educativas dos anarquistas.

Apesar desse contexto de profusão dos estudos anarquistas e/ou sobre o anarquismo, muito ainda permanece a ser explorado. As pesquisas, em sua maioria, enfocam a dimensão da ação política estrita e direta e deixam abertas lacunas a respeito de outros campos que também contaram com a participação e reflexão ativa de anarquistas como, por exemplo, o científico, o do desenvolvimento tecnológico, o ecológico, o da saúde, dentre outros.

Percebendo essas lacunas, alguns investigadores tem feito inserções em temáticas não clássicas do pensamento político - Estado, partido, organização,

IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

greve - e demonstrado a presença de reflexões próprias dos anarquistas em outros debates de relevância social. É nessa direção que podemos citar as produções de Eduard Masjuan Bracons (2006, 2008) nas quais o autor defende existir no anarquismo uma filosofia da natureza composta de um sistema interno complexo.

Os libertários foram capazes de produzir ideias originais sobre a natureza e, junto e a partir delas, considerações próprias sobre a própria natureza humana. Conforme discutiremos adiante, na argumentação anarquista de caráter anticapitalista havia um entrelaçamento entre a filosofia moral e a filosofia da natureza. Desse encontro, floresceu nos meios operários influenciados pelos anarquistas uma *cultura da natureza* com certas peculiaridades (BRACONS, 2006).

Inserido e participante de maneira ativa nas reflexões das ciências naturais e humanas do século XIX e nos debates em voga acerca da evolução e da natureza humana – também chamada de filosofia moral - o movimento anarquista construiu suas próprias concepções de humanidade e de natureza, interpretando-as sob termos culturais, sociais e históricos - traço incomum para a época.

Em um período de intensificação da racionalização da sociedade em seus diversos níveis - organização do trabalho industrial e urbanização, por exemplo - os anarquistas se colocaram na contramão do modelo de modernidade que apostava enquanto modelo de civilização e humanidade na consolidação dos Estados modernos, na burocracia, no militarismo e no desenvolvimento tecnológico que estivesse atrelado à exploração da força de trabalho e na destruição dos recursos naturais. Colocaram-se também em contraposição ao dogma religioso-antropocêntrico. As resistências a esses discursos foram o que demandou a construção dessa nova cultura da natureza.

*IΦ-Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Anarquismo: algumas considerações

Surgido dentro do movimento operário e como parte do setor socialista anticapitalista, o anarquismo tem como elemento essencial, como base constitutiva, a defesa da liberdade. Organizados em diversas correntes - sendo mais correto falarmos em anarquismos - os anarquistas identificavam no Estado um instrumento das classes dominantes para a limitação das liberdades individuais. Desse modo, criticam todas as expressões que Estado pode adotar, seja ele capitalista ou socialista. Entretanto, vale ressaltar que a defesa anarquista da liberdade individual distancia-se da defesa da liberdade realizada pelo liberalismo clássico. Para o anarquista, a liberdade é conquistada social e coletivamente.

A crítica anarquista a qualquer instituição que delimite as liberdades individuais encontra, especialmente, no Estado o principal órgão legitimador da dominação dos indivíduos. Para Piotr Kropotkin (1842-1921), importante pensador anarquista, “o Estado foi estabelecido com o fim preciso de impor o domínio dos proprietários de terras, dos empresários industriais, das classes militares e do clero sobre os camponeses e os artesãos” (KROPOTKIN, 1903).

No lugar dessa instituição produtora de desigualdades e visando construir outras formas de governo que possibilitassem (e impulsionassem) aos indivíduos seu pleno desenvolvimento, almejando, sobretudo, uma sociedade solidária e harmônica, defendiam a organização dos trabalhadores de maneira federada.

Não pregavam uma fórmula da sociedade ideal na intenção de atingir estes objetivos, contudo, mobilizavam alguns princípios que norteavam suas ações. Gallo (1990) sintetiza os princípios básicos do anarquismo em seis pontos,



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

sendo três teóricos (*autonomia individual*, dado que a liberdade é fundamental; *autogestão social*, garantindo a cada um a possibilidade de construir e participar da sociedade em condições de igualdade; *internacionalismo*, a fim de romper as fronteiras entre as nações, promovendo a fraternidade entre os povos); e três que definem as suas atitudes práticas (*ação direta*, que consiste, principalmente, nas atividades de educação e propaganda do movimento, com a intenção de despertar a consciência emancipatória e libertária das massas para que desenvolvam práticas políticas externas à dependência do Estado; *associações operárias*, para se organizarem, discutirem e formularem seus saberes e construírem uma cultura alternativa; e a *greve geral*, como uma forma de luta essencial para todos os movimentos de trabalhadores, devido ao seu caráter reivindicatório e pedagógico).

Anarquismo, Ciência e Filosofia Moral

No período de passagem do final do século XIX para o início do século XX, ganhavam força teorias pretensamente científicas que justificavam a dominação entre os povos ou a divisão social entre as classes a partir de supostas diferenças biológicas. Essas teorias eram incorporadas, muitas vezes, por governos que tentavam legitimar ações imperialistas e repressoras. No âmbito das relações de trabalho era comum observar esse tipo de discurso incorporado nas falas de patrões que desenvolviam ações que tinha por objetivo educar e controlar a força de trabalho que empregavam - considerada, muitas vezes, rebelde, degenerada e corrompida pelos vícios. Nesse sentido, discursos moralizantes exercidos pelas elites políticas e econômicas eram embebidos de diversas teorias “científicas” para obterem o *status* de verdade. Paralelamente, a doutrina moral da Igreja



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

permanecia hegemônica e, na maioria dos casos, se encontrava aliada aos poderes Estatais e industriais.

A partir desse cenário pode-se compreender a maneira como os anarquistas passam a articular teorias de contraposição a esses discursos. Um dos exemplos mais pertinentes da forma como isso foi possível são os estudos do famoso geógrafo libertário Piotr Kropotkin. Segundo o anarquista russo, seria possível tomar por base o passado biológico da humanidade e dos animais para afirmar formas de sociabilidade opostas à qualquer tipo de dominação. Desse modo, Kropotkin defendia que a coerção do Estado era desnecessária e antinatural. Em uma de suas obras mais conhecidas, *Apoio Mútuo: um fator de evolução*, Kropotkin critica a falsa concepção de “luta pela existência” presente na leitura hegemônica do darwinismo - e grosseiramente ampliada para as explicações das relações sociais. Além disso, como nome de sua obra afirma, coloca o mutualismo, a cooperação entre os animais, como principal fator de evolução e garantia de sobrevivência. A partir dessas ideias, em outra obra, acerca da ciência moderna e do anarquismo, afirma:

Se nós voltarmos nossas mentes para uma estreita observação da natureza e para uma história sem preconceitos das instituições humanas, nós logo descobrimos que o Apoio Mútuo realmente aparece, não apenas como a mais poderosa arma na luta pela existência contra as forças hostis da natureza e todos os outros inimigos, mas também como o principal fator de evolução progressiva. Para os animais mais fracos isto garante a longevidade (e, portanto, um acúmulo de experiência mental), a possibilidade de elevar sua progênie e o progresso intelectual. E essas espécies de animais, entre os quais o Apoio Mútuo é mais praticado, não apenas tem mais sucesso na obtenção de seus meios de subsistência, mas também estão à frente de suas respectivas classes (de insetos, aves, mamíferos) no que diz respeito à superioridade de seu desenvolvimento físico e mental (KROPOTKIN, 1903, p.16).

Kropotkin e outros anarquistas ligados à ciência como o francês Elisée Reclus (1830-1905) combateram a visão de natureza de pensadores como



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Darwin, Huxley e Spencer, que a qualificavam como um conjunto de processos amorais. No campo do anarquismo, emergia uma espécie de ciência da moralidade, considerando que a ética teria se desenvolvido primeiro na natureza e depois na humanidade (BRACONS, 2006, p. 104). Assim, a humanidade deveria caminhar no sentido da realização de seu potencial: o desenvolvimento da liberdade.

Trata-se, aqui, de um recurso cognitivo utilizado politicamente. Ao articular teoricamente uma compreensão que partia do estudo do meio natural e caminhava em direção ao mundo social, os anarquistas se colocavam publicamente em um duplo sentido: a) questionavam a partir da mesma lógica e linguagem a ciência da época que se adequava aos interesses de determinada classe; b) se esforçavam em ampliar seu campo de análise das relações sociais para além da explicação meramente econômica. Construía-se uma tentativa de descrever a realidade a partir de múltiplas dimensões.

Comum à época, a ideia de evolução também é apropriada e utilizada pelos anarquistas à sua maneira. Sua concepção de evolução é de matriz materialista, compreendendo o universo de forma ilimitada e eterna, em constante transformação da matéria (SIERRA, 1996, p.15). Essa concepção serve de embasamento para muitas práticas políticas anarquistas que visavam a transformação radical da sociedade. Junto à reflexão do sentido da evolução se perguntavam: “se o Universo inteiro se transforma, porque não poderiam fazê-lo as instituições humanas?”ⁱ (SIERRA, 1996, p.13). A revolução, nesse sentido, era vista como um processo presente no caminho natural da história da própria evolução.

Para os anarquistas, os Estados e o sistema capitalista dividiriam a humanidade e inibiriam o potencial natural de emancipação dos indivíduos. Assim, com os seus ideais éticos de vida comum e liberdade pessoal, os libertários contrapõem à organização estatal o conceito de autogestão – política e



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

econômica, compreendendo que a gestão da sociedade deveria se dar por seus próprios membros. A camaradagem comunitária, os laços de solidariedade e a cooperação observadas como fator de evolução na natureza permitiriam, assim, vislumbrar outra organização social. Essa nova organização seria necessária para, inclusive, retomar os vínculos de amor pela natureza dos quais os homens haviam se distanciado, fugindo de sua própria história de seres naturais.

É importante ressaltar que as visões presentes nos círculos libertários não chegam a um consenso, no entanto, convergem nas críticas às concepções de natureza e de ciência da sociedade moderna. Caberia, então, ao movimento anarquista, despertar a vontade política para lutar pela libertação humana. A moral anarquista baseia-se nas representações de harmonia presentes na observação da natureza, na solidariedade observada no mundo animal:

[...] a natureza, longe de nos dar uma lição de amoralismo, ou seja, de indiferença pela moral, contra o qual um princípio alheio à natureza tenha de lutar para poder vencê-la, nos obriga a reconhecer que dela emanam as concepções de bem e de mal, e nossas ideias de bem supremo (KROPOTKIN, 1904, p.18).

Os anarco-comunistas, como Kropotkin, davam primazia ao despertar da vontade e rebeldia das massas para que, através da luta política, se alcance a revolução social. Em outras correntes anarquistas, é possível perceber a concepção de natureza mesclada com correntes da cosmologia, com discussões sobre a questão da “regeneração da espécie humana”, influenciando diretamente na reflexão acerca das condutas pessoais e na emancipação individual.

Mikhail Bakunin, (1814-1876), anarquista russo, afirmava a liberdade como uma constituinte da humanidade, pois esta teria se separado da animalidade através de um ato de desobediência (revolta) e de ciência (pensamento):

Três elementos ou três princípios fundamentais constituem, na história, as condições essenciais de todo desenvolvimento humano,



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

coletivo ou individual: 1º) a animalidade humana; 2º) o pensamento; 3º) a revolta. À primeira corresponde propriamente a economia social e privada; à segunda, a ciência; à terceira, a liberdade (BAKUNIN, 2010, p.8)

Assim, a humanidade teria saído do estado natural através do saber. Este, por sua vez, não foi desenvolvido individualmente, tendo sido possível apenas a partir das organizações primitivas da sociedade. Visto que o saber humano, responsável pela sua liberdade, foi constituído coletivamente, a sociedade deveria ser organizada de forma a potencializar ainda mais a potência libertária humana em vez de limitá-la, pois, como afirmava Bakunin, “[...] o homem só se torna verdadeiramente homem quando respeita e ama a humanidade e a liberdade de todos, e quando a sua humanidade e liberdade são respeitadas, amadas, suscitadas e criadas por toda a gente” (BAKUNIN, 1975, p 24). O progresso, então, teria como objetivo levar a uma maior harmonia e liberdade na natureza:

Todos os progressos são solidários, e desejamos a todos na medida de nossos conhecimentos e de nossa força: progressos sociais e políticos, morais e materiais, científicos, artísticos ou industriais. Evolucionistas em todas as coisas, somos igualmente revolucionários em tudo, sabedores de que a própria história outra coisa não é senão a série das realizações, sucedendo à das preparações. A grande evolução intelectual, que emancipa os espíritos, tem por consequência lógica a emancipação, na realidade, dos indivíduos em todas as suas relações com outros indivíduos (RECLUS, 2002, p. 25).

Compreendiam, assim, que a dominação da natureza ocorria simultaneamente à dominação das pessoas, visando, com isto, unir a ciência com o compromisso social, interpretando os problemas ambientais como problemas sociais e como resultado da interação social (BRACONS, 2006, p. 100).



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Imagens sobre a natureza

Críticos à concepção de uma natureza a ser desvelada (e dominada, explorada) pelos conhecimentos científicos, os anarquistas apostam na imagem de uma natureza sempre em transformação. A humanidade, nesta concepção, é a natureza tomando consciência de si mesma.

A partir da observação da iconografia anarquista presente em jornais operários é possível ver uma natureza descrita a partir da utilização de imagens femininas, vinculadas às concepções de fertilidade e cuidado. O planeta Terra, bem como elementos naturais como rios, árvores, montanhas, também são exaltados como obras de beleza que demonstrariam a capacidade criativa e criadora da natureza. Os anarquistas insistiram também na ideia de um contato “puro” e “nu”, de respeito e reverência entre os humanos e as outras espécies.

Anarquia natural x civilização artificial

No período de emergência do movimento anarquista organizado, a discussão sobre a degeneração apresentava-se no centro do debate cultural e científico do momento (SIERRA, 1996). Enquanto os discursos médico-científicos do período, aliados aos setores dominantes da sociedade, defendiam a "civilização" - a sociedade burguesa europeia, em suas concepções - como a forma mais elevada da moral. Críticos a esse modelo de organização societária, os anarquistas invertiam essa concepção, convertendo a degeneração da espécie em “um formidável instrumento de denúncia da sociedade presente”ⁱⁱ (SIERRA, 1996, p. 459). Agora, a modernidade civilizada, industrial e capitalista, aparecia como o símbolo da degeneração da espécie humana e da destruição da natureza. Seria, então, “a atual organização social - que determina a exploração do operário, a prostituição das mulheres, a prática de uma moral falsa e anti-higiênica”ⁱⁱⁱ (SIERRA, 1996, p.459).

IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Em suas críticas ao modelo de sociedade vigente, os anarquistas fizeram a contraposição entre as imagens de uma sociedade orgânica, viva e dinâmica – a sociedade anárquica a se construir – ao que consideram uma civilização artificial, cinzenta, dominada pela racionalidade instrumental. Ao considerar-se superior à natureza, visando dominá-la e explorá-la, os anarquistas consideravam que o ser humano teria construído um mundo artificial, com leis artificiais e um modo de vida inorgânico:

A vida civilizada consiste principalmente em suplantar a Natureza com todo gênero de artificios. À espontaneidade dos movimentos, dos impulsos e das ações substitui a regulamentação e a disciplina educativa, que vem a ser uma verdadeira domesticação sistemática. Assim, civilizar é o mesmo que afogar em germe toda liberdade, toda inclinação; todo impulso natural (MELLA, 1913, p.2).

Recusavam a busca pelo “progresso” nos moldes da ciência hegemônica do período, pois esta via no desenvolvimento tecnológico apartado do desenvolvimento social, os meios para as soluções dos problemas que causava:

Desmatando tem causado a extinção da flora e fauna nativas... e teve de cultivar; tem esgotado as fontes e cursos de água... Teve que construir canais e aquedutos; construiu cidades, habitação aglomerada e os detritos... conheceu a epidemia e também a medicina. Seu sistema de existência tornou-se a antítese da sua constituição física, seus sentidos se enfraquecem... mas para os olhos cansados fez os óculos; muletas para as pernas que fraquejam, pílulas para a anemia, brometo para escrofulosis^{iv}. Obrigado a ir buscar longe aquilo que destruiu em sua casa, cruzou o oceano e naufragou, lançou locomotivas pelas ferrovias, locomotivas que descarrilaram, colidem, esmagam e cortam braços e pernas que são substituídos por próteses. Finalmente, quando destruir tudo aquilo que se produz naturalmente, a água, o ar, os animais e as plantas, se verá forçado a consegui-lo artificialmente, graças aos meios científicos, e trabalhando da manhã à noite. *Este será um grande progresso*^v (GRAVELLE apud ROSELLÓ, 2008, p. 31).

A revolução - em suas diversas acepções - teria também como função derrubar os obstáculos que se opõem ao progresso evolutivo. Assim, constituíram



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

suas próprias concepções de uma sociedade orgânica e dinâmica, e, com isso, práticas para uma outra cultura da natureza.

As práticas anarquistas em torno da natureza. A cultura da natureza em ação!

A fim de construir conhecimentos de forma coletiva, pois apostavam na pluralidade e na diversidade de ideias, os anarquistas empenhavam-se na constituição de diversos círculos de discussão. As reflexões presentes na imprensa ácrata, abertas a contribuições de setores que dialogavam com os temas libertários, são um exemplo destes esforços. Além disso, participavam dos mais diversos grupos de afinidade, a partir de temas afins ao ideário anarquista.

Estas organizações anarquistas e suas mais variadas formas de organização, baseavam-se na nova sociabilidade que, a partir do século XVIII, constituem-se na Europa: as sociedades de ideias - “espaços de liberdade”, organizados a partir da afinidade de ideias e que tinham como elementos em comum “a adesão voluntária dos seus membros, estavam afastadas do controle do Estado e representavam a ruptura com as instituições tradicionais da sociedade (família, paróquia, corporação e ordem)” (PERES, 2012, p.21).

Os anarquistas criavam e participavam de variados grupos de afinidade, como as organizações libertárias e movimentos de resistência, nem sempre oriundos do movimento anarquista. Dialogavam, assim, com grupos pacifistas, antimilitaristas, anticlericais – bem como associações espíritas, maçônicas, rosacruzes, setores críticos do cristianismo, entre outros que tinham como questão fundamental a desinstitucionalização das práticas espirituais. Ao mesmo tempo, aproximaram-se de grupos neomalthusianos, redes sobre regeneração humana, de esperanto, de adeptos do nudismo, do vegetarianismo, do naturismo (em crítica à saúde voltada ao uso de fármacos), que fazem parte de “elementos satélites em uma filosofia de vida”, conforme denomina Xavier Diez (2007). Essa



IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

filosofia de vida compartilhava alguns ideais que visavam o desenvolvimento dos indivíduos em sua integralidade, exemplificados por Bakunin:

Para que os homens sejam morais, ou seja, homens completos no sentido pleno da palavra, se necessitam três coisas: um nascimento higiênico, uma instrução racional e integral, acompanhada de uma educação fundada sobre o respeito ao trabalho, à razão, à igualdade e à liberdade, e um meio social onde cada indivíduo goze de sua plena liberdade e seja realmente, de fato e de direito, igual aos demais (BAKUNIN, 1869, p. 23).

A preocupação dos anarquistas com a integralidade dos sujeitos estimulava essa participação nos mais variados grupos de resistência e a necessidade de constituir uma cultura alternativa exigia que se pensassem nos mais variados aspectos que envolviam a vida dos indivíduos. Assim, a aproximação com o movimento naturista, por exemplo, surgido na segunda metade do século XIX, se dava devido à aproximação da crítica anarquista e naturista aos "desvios" propiciados pelo progresso, “uma espécie de dissidência contra a evolução das sociedades industriais em que a pessoa foi demasiada e frequentemente menosprezada e reduzida à categoria de objeto”^{vi} (DIEZ, 2007, p.305).

Os naturistas - que não eram todos anarquistas, assim como nem todos os anarquistas se reivindicavam naturistas - muitas vezes convergiam com práticas espiritualistas e a defesa a um regresso para uma vida simples, até mesmo desenvolvendo ideais de um comunismo primitivo, o que levava, eventualmente, a algumas críticas deterministas acerca da ciência e da tecnologia. Neste movimento, “o indivíduo constituía o centro e motor, e sua principal finalidade consistia em sua regeneração integral”^{vii} (DIEZ, 2007, p.305). Sendo assim, os naturistas teciam críticas à medicina oficial, pois ela se preocupava somente com os efeitos e não com as causas das doenças e visavam a

*IΦ-Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

produção de fármacos com o intuito de promover sua mercantilização - incentivada pelo capitalismo crescente. Neste sentido, Dr. Isaac Puente, médico espanhol colaborador das publicações anarquistas, afirmava: “Há dois conceitos de saúde bem distintos entre si. Um, é o que servem os médicos e defende a Saúde Oficial. Outro, o conceito pleno de bem-estar corporal, que trata de reivindicar o naturismo”^{viii} (PUENTE, Estudios, 1933, n.122, p.13). Ademais, os naturistas criticavam a alimentação artificial produzida através da industrialização:” o industrialismo (...) acabou gerando uma alimentação artificial e inadequada, alterando o equilíbrio da natureza, que se torna uma ameaça presente e futura”^{ix} (DIEZ, 2007, p. 306).

Dentro disso, a defesa do vegetarianismo também se faz presente em muitos anarquistas. O escritor anarquista-cristão russo, Liev Toltoi, era um defensor do vegetarianismo, bem como Elisee Reclus, a brasileira Maria Lacerda de Moura e os membros da Associação Internacional Biocósmica^x. Estes últimos fomentavam um sentimento de integração biocósmica, valorizando o respeito entre todos os seres. Também para Reclus a emancipação social demandava o equilíbrio e a harmonia entre as diversas espécies.

Visando a solidariedade, os anarquistas reprovavam toda e qualquer ação militar. Alguns eram radicalmente pacifistas, e rechaçavam as guerras e os exércitos, considerando que estes últimos monopolizavam a violência do Estado contra seus cidadãos, servindo como uma instituição repressora contra o proletariado a serviço das classes dominantes (DIEZ, 2007, p. 297). Não apenas internacionalistas, mas principalmente anacionalistas, visto que negavam a defesa das nações considerando-as categorias artificiais, os anarquistas propunham a desaparecimento das nações como unidades soberanas. Consideravam, deste modo, não apenas a categoria de nação, mas também de pátria ou de Estado como categorias criadas para submeter os cidadãos e negar a soberania individual (DIEZ, 2007, p. 297). Acusavam os objetivos das guerras por colocarem



IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

a humanidade em combates mortíferos "em nome de abstrações como Deus, pátria ou honra, em proveito dos poderosos"^{xi} (DIEZ, 2007, p. 297). Para certos anarquistas o militarismo era apenas mais uma expressão da violência contra a natureza, enquanto que o pacifismo representava a relação orgânica e natural para com a vida.

Sendo contrários à institucionalização das ideias, por exemplo as religiosas, os anarquistas também compunham os movimentos anticlericais, frequentes no período de ascensão das repúblicas e da substituição do discurso religioso pelo científico. Assim, muitos libertários associavam-se a grupos que visavam discutir e praticar a espiritualidade de forma conjunta com a ciência. O espiritismo, a maçonaria, a Ordem Rosacruz, bem como outras alternativas místicas, ocultistas, teosóficas, eram procuradas pelos militantes. Criticavam também a promessa religiosa de liberdade pós-terrena, afirmando a possibilidade e a necessidade de construí-la no tempo presente. Nesse esteio, também se aglutinavam tentativas de elaborações teológicas que defendiam a aproximação entre homem e natureza – como observado no cristianismo de Tolstói - contrárias à certa concepção cristã que enxergava na natureza e na natureza humana os símbolos da queda humana que seriam restaurados por uma espiritualidade desvinculada do mundo humano ou que entendiam que a natureza havia sido criada para servir ao homem.

Outra discussão vigente no período e que visava à emancipação dos indivíduos, sobretudo das mulheres, era a defesa do neomalthusianismo. Se o demógrafo britânico Thomas Malthus (1766-1834) alertava sobre as consequências do crescimento demográfico sem controle e, assim, afirmava a necessidade da limitação dos nascimentos para manter o equilíbrio entre população e recursos naturais, os libertários - que defendiam a prática livre da sexualidade - enxergavam na defesa do neomalthusianismo uma capacidade emancipatória. Tendo o controle sobre a maternidade/paternidade, o indivíduo



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

assumiria também a propriedade sobre sua própria pessoa e não permitiria, assim, ao Estado, aos dogmas religiosos ou à moral burguesa o controle sobre seu corpo. Além disso, tratava-se de uma resistência passiva, baseada na não-violência. Contudo, alguns anarquistas como Kropotkin, por exemplo, tinham a percepção de que a natureza dispunha de bastantes recursos e recusavam as ideias de Malthus – apresentadas em seu famoso *Ensaio sobre a população* (1798) - considerando-as como parte da ideologia burguesa. No entanto, sobretudo a partir da década de vinte, é possível encontrarmos a reapropriação destas ideias com fins libertários, denunciando a miséria decorrente da superpopulação. O neomalthusianismo libertário tinha como sujeito e protagonista o proletariado, para quem o controle de natalidade seria aliado na luta social, diferentemente do malthusianismo burguês (NAVARRO, 1997, p. 90). Para os neomalthusianos, a miséria não geraria rebeldes, mas sim, indivíduos dependentes (DIEZ, 2007, p. 244), sendo necessário, portanto, a propagação de métodos anticonceptivos e a educação sexual.

Dentro da discussão acerca da emancipação dos indivíduos, colocava-se a defesa do amor livre. Os anarquistas eram contrários à instituição do casamento, pois acusavam-no de limitar o amor às regras do contrato matrimonial e, sob a tutela do Estado, seguir os dogmas da Igreja, associando sexo e reprodução. A família monogâmica, na leitura dos anarquistas, serviria como instrumento para a dominação dos indivíduos - tecnologia disciplinar para controle das condutas e formação de indivíduos dóceis, além de garantir a manutenção da propriedade privada da classe privilegiada. Sendo assim, os anarquistas contrapunham o amor livre ao modelo de família nuclear burguesa.

Apesar da imprecisão acerca da definição do amor livre, o que prevalecia é o que Diez (2007) considerou como sendo o amor livre uma "metáfora da libertação individual" (DIEZ, 2007, p. 241). O amor livre poderia significar uma recusa ao contrato matrimonial, mas não necessariamente uma recusa à

IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

monogamia; poderia também significar a liberdade das mulheres a escolherem seus parceiros, num período em que ainda se colocava essa escolha nas mãos dos pais, ou no contrato social estabelecido; poderia, igualmente, representar a liberdade de parceiros sexuais, sem a obrigatoriedade da monogamia; além disso, a pluralidade amorosa poderia ainda não se fechar na discussão acerca da sexualidade ou das relações entre indivíduos que se relacionam sexualmente: poderia servir como base para as relações sociais como um todo, como sugere a ideia de *amor plural* do anarquista individualista Han Ryner.

Mais do que assegurar a livre escolha dos parceiros e a quantidade deles, Han Ryner preconizava um amor maior: o amor pela humanidade. Deste modo, o amor plural poderia significar uma nova ética para as relações sociais, baseadas no apoio mútuo, na solidariedade, no respeito ao próximo, na cooperação. Malatesta, um dos mais importantes militantes do anarquismo, também compreendia que o principal motor de ação de um libertário era um profundo sentimento de amor pela humanidade.

Para muitos anarquistas, a solidariedade e o apoio mútuo deveriam ainda ultrapassar as relações sociais e alcançar, inclusive, uma nova relação com a natureza, visando um intercâmbio mais harmônico com esta e a ela retornando "presencial e mentalmente" (BRACONS, 2006, p. 104), pois este seria o melhor meio de compreendê-la. A chave de compreensão da humanidade estaria, também, na compreensão da natureza.

Considerações Finais

Analisar as imagens e compreensões de natureza e ciência presentes no movimento anarquista, profundamente arraigadas em suas concepções políticas,



IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

permite-nos questionar e desconfiar da ciência hegemônica, por sua vez, também aliada a pressupostos políticos.

Acusando a não neutralidade da ciência e também, assim, apropriando-se de suas próprias concepções científicas, os anarquistas construíram peculiares imagens da natureza e representações do que deveria significar a "luta pela existência". Recusaram as barbáries cometidas e justificadas a partir de uma única interpretação dos conceitos científicos, mostrando o quanto o campo da ciência é habitado por política. Os anarquistas foram capazes em suas ações de construir imagens de natureza alternativas, que funcionavam como uma espécie contramundo utópico (SIERRA, 1996), de onde seria possível encontrar exemplos de justiça, harmonia e liberdade - princípios para uma sociedade libertária e que eram presentes e nem valorizados na sociedade capitalista.

Os anarquistas visaram, desse modo, a uma "concepção eminentemente afetiva e moral da natureza" (SIERRA, 1996, p. 612). Interpretaram e erigiram suas próprias concepções de humanidade e de natureza a partir de hibridizações entre termos culturais, sociais e históricos. Enxergavam na sociedade da propriedade privada uma espécie de "artificialidade", e nela encontraram as causas dos males sociais moderno: ao se apartar da natureza, deixando de se reger pelas leis "naturais", esta sociedade antinatural focava-se numa luta fratricida pela existência, que se transbordava entre seres humanos e os demais



IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

seres da natureza. Por conseguinte, tanto a desigualdade social como os problemas ambientais seriam fruto desta organização social.

Suas percepções acerca da natureza, verificando a moral, o apoio mútuo, surgido entre os animais e sendo, então, um elemento evolutivo, permitiu que os anarquistas se munissem de um vasto arsenal de críticas direcionadas ao capitalismo, à moral burguesa e à teologia católica e a suas correspondentes separações entre mundo social e mundo natural ou mundo natural e mundo espiritual. Dessa forma, abriram caminhos para a realização de entrelaçamentos entre a filosofia moral e a filosofia política a fim de que fosse possível vislumbrar novas culturas da natureza e, com isto, um novo modo de vida.

Ao revisitarmos as reflexões anarquistas temos a possibilidade de pensarmos no esvaziamento do imaginário político contemporâneo naquilo que ele acabou por esquecer de suas próprias tradições: a riqueza do pensamento utópico. As utopias sempre estiveram presentes na vida dos anarquistas e, para eles, elas nunca foram distantes e inalcançáveis. Ao contrário, suas práticas e ações nos ensinaram que elas se fazem aqui e agora. Para os libertários não há nada mais “natural” do que ser utópico. Por quê, então, deixaríamos de ser?

Referências

AVELINO, Nildo; GARCIA, Loreley. “Dossiê Estudos Anarquistas Contemporâneos” In **Revista Política & Trabalho**, Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal da Paraíba, 2012, 304 p.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

BRACONS, Eduard Masjuan. “La cultura de la naturaleza en el anarquismo ibérico y cubano” In **Signos Históricos**, Universidad Autónoma Metropolitana Unidad Iztapalapa. Distrito Federal, México, n. 15, jan.-jun., 2006, pp. 98-123.

BAKUNIN, Mikhail. **O Conceito de liberdade**. Portugal: edição RÉES limitada, 1975.

_____. **Deus e o Estado**. São Paulo: Imaginário/Nu-sol, 2010.

DIEZ, Xavier. **El anarquismo individualista en España (1923-1938)**. Barcelona: Virus editorial, 2007.

GALLO, Silvio Donizetti de Oliveira. **Educação anarquista: por uma pedagogia do risco**. 1990. 325 f. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 1990.

KROPOTKIN, Piotr. **La ciencia moderna y el anarquismo** (prólogo y traducción del inglés por Ricardo Mella), Valencia: F. Sempere y Compañía, 1903.

_____. “Origen y evolucion de la moral”. **Nineteenth Century**, Agosto, 1904.

MELLA, Ricardo. “Regimentación y naturaleza - La obra de la civilización” In 1913 Publicado originalmente em **Acción Libertaria**, n.11, Madrid 1 de agosto de 1913. Disponível em: < <http://ricardomella.org> >. Acesso em: out. 2016.

PERES, Fernando Antonio. **João Penteado: O discreto transgressor de limites**. São Paulo: Alameda, 2012.

RECLUS, Élisée. **A evolução, a revolução e o ideal anarquista**. São Paulo: Imaginário, 2002.

ROSELLÓ, Josep Maria. **!Viva la naturaleza!** Escritos libertarios contra la civilización, el progreso y la ciencia (1894-1930). Virus editorial: Barcelona, 2008.

SIERRA, Alvaro Giron. **Evolucionismo y anarquismo: la incorporación del vocabulario y los conceptos del evolucionismo biológico en el anarquismo español (1882-1914)**. 1996. 694 f. Tese (Doutorado) - Faculdade de Geografia e História, Universidad Complutense de Madrid, Madrid, 1996.

i Tradução nossa.

ii Tradução nossa.

iii Tradução nossa.

iv Escrfulose: Tuberculose linfática.

v Tradução nossa.

vi Tradução nossa.

vii Tradução nossa.

viii Tradução nossa.

ix Tradução nossa.

x A AIB - Associação Internacional Biocósmica - era composta por físicos, biólogos, filósofos, sociólogos, e outros cientistas que não se filiavam às correntes hegemônicas do conhecimento científico em voga no período. Não dogmática e pacifista, recusava as crenças organizadas - laicas ou não - e visava à solidariedade biocósmica, ou seja, à harmonia entre os seres e, inclusive, à harmonia universal.

xi Tradução nossa.